

## Exposições curriculares em ambientes virtuais: concepção, comunicação e formação museológica

### Curricular exhibitions in virtual environments: conception, communication and museological training

Priscila Maria de Jesus<sup>1</sup>  
Sura Souza Carmo<sup>2</sup>  
Rose Elke Debiassi<sup>3</sup>

DOI 10.26512/museologia.v12i23.45565

256

#### Resumo

O presente artigo apresenta uma evolução do processo de concepção de exposições curriculares e sua importância para a formação do profissional museólogo nos cursos de Bacharelado em Museologia no Brasil, bem como analisa as implicações e processos para a sua realização no âmbito da internet. Por metodologia optou-se pela pesquisa qualitativa, tendo por ferramenta a pesquisa bibliográfica em plataformas como Plataforma Periódico Capes e *Google Scholar*. Desta forma percebe-se a importância do estudo do design para a construção de exposições no âmbito virtual e processo de formação de futuros museólogos.

#### Palavras-chave

Internet; Museologia; Design; direito do autor; curadoria.

#### Abstract

This article presents an evolution of the process of designing curricular exhibitions and its importance for the formation of the museologist professional in the Bachelor's Degree in Museology in Brazil, as well as analyzing the implications and processes for its realization in the context of the internet. For methodology, we opted for qualitative research, having as a tool the bibliographic research on platforms such as Plataforma Periódico Capes and *Google Scholar*. In this way, one can see the importance of the study of design for the construction of exhibitions in the virtual environment and the process of training future museologists.

#### Keywords

Internet; Museology; Design; copyright; curation.

#### Introdução

O Curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe foi criado no ano de 2007, devido ao processo de reestruturação das universidades federais (REUNI) e pela Política Nacional de Museus do Ministério da Cultura. Durante décadas, o Brasil só contou com dois cursos de Museologia: o Curso de Museus, criado em 1932, no âmbito do Museu Histórico Nacional, transferido para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 1978; e o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) idealizado por Valentin Calderón em 1970.

1 Docente do Curso de Museologia, Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Mestre em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Graduada em Museologia, Universidade Federal da Bahia (UFBA).

2 Docente do Curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Museologia (UFRB), Mestre em História (UFS) e Doutora em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST).

3 Docente do Curso de Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Historiadora e museóloga pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pós-doutora pela UFSC.

As atividades práticas que envolvem a concepção e montagem de uma exposição sempre estiveram presente na formação de profissionais de museus, mesmo que com uma nomenclatura pouco usual na atualidade. Gustavo Barroso, idealizador e professor por décadas do Curso de Museus, denominou de Arrumação de Museus a disciplina que versava sobre a seleção e disposição de objetos, escolha do mobiliário e forma de expor. No livro *Introdução à técnica de museus*, Barroso (1951, p.32) elencou sete princípios para uma boa exposição: 1) efeito estético dos próprios objetos; 2) Efeito estético de sua colocação; 3) Facilidade de visão e exame pelo público; 4) Boa e clara etiquetagem; 5) Proteção dos objetos contra as intempéries; 6) Defesa dos mesmos contra descuidos de visitantes e roubos; 7) Preferência dos melhoramentos graduais sobre as reformas subversivas. Apesar do capítulo discorrer sobre diversas questões técnicas, Helena Uzeda (2020) informou a ausência de exposições curriculares, ou de documentação referente a elas, no âmbito do Curso de Museus do MHN.

As primeiras exposições desenvolvidas por discentes de Museologia que se tem conhecimento foram realizadas no Museu Histórico Nacional na década de 1960 como atividades extracurriculares (UZEDA, 2020). A partir de meados da década de 1970 professoras do Curso de Museus do MHN passaram a organizar com os discentes exposições de “caráter experimental” (SÁ, 2007: 39). Exposições curriculares passaram a ocorrer na UNIRIO desde 1978 (MORAES, 2020). De acordo com Uzeda (2020), foram as professoras Maria de Lourdes Rocha, Celma Franco e Teresa Scheiner que sistematizaram as exposições curriculares como componente curricular do curso de Museologia criando também o Laboratório de Desenvolvimento de Exposições (LADEX).

Nos 14 cursos de graduação em Museologia em universidades federais e estaduais<sup>4</sup> no Brasil, no formato presencial, a comunicação museológica - que envolve disciplinas de caráter teórico e prático da concepção e montagem de exposições - possui entre dois a quatro componentes curriculares, ocorrendo, na grande maioria dos casos, exposições curriculares na última disciplina. Os cursos de Museologia da UNIRIO e da UFS possuem o maior número de disciplinas voltadas para aspectos teóricos e práticos de montagem de exposições. Tal informação demonstra a importância dada às exposições curriculares na formação profissional dos futuros museólogos.

Assim, o presente artigo busca analisar os processos de construção e elaboração de exposições, com foco nas exposições virtuais, seus processos metodológicos, teóricos e leis que fundamentam seu processo desde a concepção até a visualização na *internet*.

Por metodologia, o presente artigo utilizou-se da abordagem qualitativa, para interpretação do fenômeno, que consiste nos desafios e possibilidades da comunicação museal no âmbito digital, levando em consideração quatro fatores: exposições curriculares, curadoria digital, direito do autor e design da página. Optou-se pelo método analítico, que utilizou-se das experiências vivenciadas em sala de aula para apresentar pontos que apresentam uma maior explicação para compreender a questão do processo de comunicação museal no ambiente web. Por ferramentas, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por meio da prospecção de textos em bases de dados a exemplo da Plataforma Periódico Capes e *Google Scholar*, além de livros, leis e resoluções.

4 Os cursos de Museologia estão inseridos nas seguintes universidades: UNIRIO, UFBA, UFRB, UFS, UFPE, UFPA, UNB, UFG, UFOP, UFMG, UFSC, UFPEL, UFRGS e UNESPAR.

## Exposição curricular: caminhos para o ambiente virtual

A exposição é a principal forma de interlocução entre um acervo musealizado e o público. É por meio dela que se compreende a missão da instituição e a sua existência, quais as suas ações e sobre que tipo de acervo ela se debruça.

O termo “exposição” significa tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe. [...] designa ao mesmo tempo o ato de expor coisas ao público, os objetos expostos, e o lugar no qual se passa a exposição. Entendida como conjunto de coisas expostas, compreende assim, tanto as musealia, objetos de museu ou “objetos autênticos”, quanto os substitutos (moldes, réplicas, cópias, fotos, etc.), o material expográfico acessório (os suportes de apresentação, como as vitrines ou as divisórias do espaço), os suportes de informação (os textos, filmes ou multimídias), como a sinalização utilitária (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013: 42-44)

Uma exposição é composta não apenas pelo objeto museal, mas também por todos os recursos que foram empregados na sua concepção e montagem, estes, em conjunto, permitem que a mensagem que se pretende passar ao percorrer as salas expositivas torne mais fácil o seu entendimento para o visitante. A exposição, desta forma, apresenta uma razão de existir que consiste naquilo que ela pretende comunicar para seu público em potencial. Ennes (2008: 12), na sua dissertação de mestrado, define exposição como “um espaço construído não apenas fisicamente, mas também simbolicamente, e [que] pode ser entendido como espaço do imaginário, uma vez que intermedia as imagens dos espaços do imaginário aos espaços reais. Ou seja, de forma complementar às afirmações discutidas acima, os significados de uma exposição são atribuídos pelas experiências e pela memória das visitas aos espaços museais.

A exposição curricular é uma disciplina obrigatória nos cursos de Museologia no Brasil - podendo receber tal nomenclatura ou não mas com ementa versando principalmente sobre o desenvolvimento de uma exposição como um trabalho coletivo de concepção, montagem e avaliação desenvolvido pelos discentes. Desenvolvida geralmente no penúltimo ou último ano da graduação em Museologia, o componente curricular permite aos discentes colocar em prática conhecimentos adquiridos durante os primeiros anos da graduação por meio de uma exposição com visitação aberta ao público.

Os discentes são os protagonistas na concepção e montagem de exposições na exposição curricular. Para Uzeda (2020) apesar do pouco tempo para o desenvolvimento de uma exposição curricular os discentes conseguem desenvolver algumas competências transdisciplinares. A autora salienta que as exposições curriculares “congregam parte do conteúdo assimilado ao longo do curso, reunindo de forma harmônica teoria e prática num processo que atualiza as exigências comunicacionais, cada vez mais prementes as percepções da contemporaneidade” (UZEDA, 2020: 176). Ainda para a docente:

As exposições curriculares desenvolvem projetos [...] sobre temas e questões contemporâneas escolhidos pelos discentes, o que permite grande liberdade e criatividade no exercício das técnicas envolvidas na comunicação. E ainda que o desenvolvimento do tema decorra de uma opção ligada diretamente aos interesses dos estudantes, as exposições curriculares, como trabalho coletivo, os confrontam com a diversidade de pontos de vista da turma e os leva a transigir diante de situações conflitantes, concatenando experiências individuais às concepções coletivas e globais (UZEDA, 2020: 172)

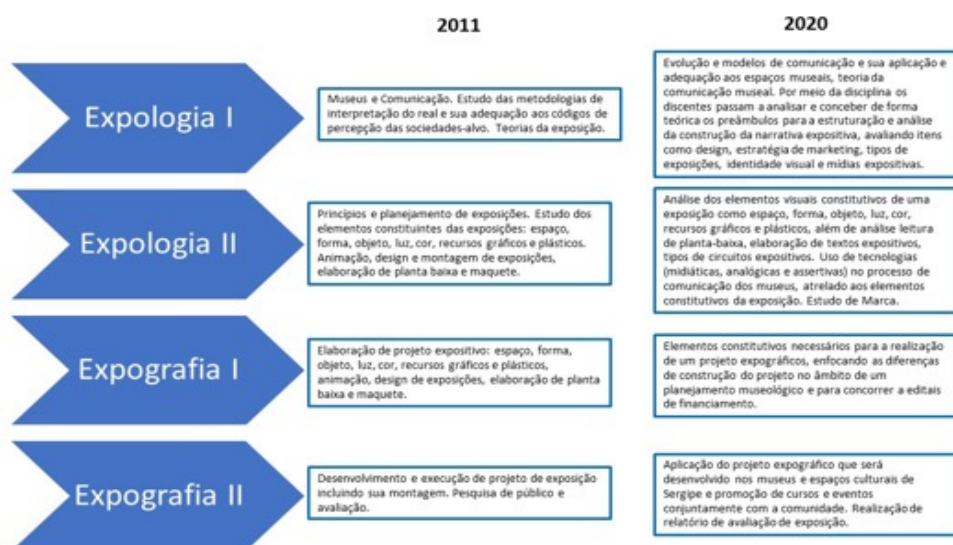
A exposição curricular pode ser pensada como uma experiência muito próxima da concepção e montagem de exposições em espaços museias. Para Moraes (2020: 314) elas “são marcadas por especificidades que as aproximam e afastam, simultaneamente, de exposições profissionais e institucionais”, sendo, portanto, um momento que congrega apresentar um produto ao público mas onde é permitido experimentar, errar e reconhecer as falhas cometidas para que não ocorra na futura ação profissional dos discentes. Sobre a questão Moraes (2020: 314) salienta que são “momentos de aprendizado e experimentações que muitas vezes permitem aos discentes desenvolver competências que até então desconheciam ser capazes de realizar, a atuar a partir da convergência e do antagonismo de pontos de vista [...]”. Na mesma direção, Florez e Scheiner (2012: 09), pensando sobre o processo de concepção de uma exposição, afirmam: “É o momento de criação, de divergências, mas a participação de diferentes pessoas no processo é muito enriquecedora em propostas e em pontos de vista diferentes (...)”.

A concepção, montagem e avaliação de uma exposição como um componente curricular do curso de Museologia permite ao discente aplicar, de forma integrada, conhecimentos de conservação preventiva, documentação, ação educativa e avaliação de público na comunicação museológica em ações que envolvem aspectos da expografia como seleção de objetos, escolha do público-alvo, seleção de recursos expográficos que não danifiquem o acervo, divulgação, etc.

Para Aline Souza (2015: 37), que avaliou o caráter pedagógico de algumas exposições curriculares desenvolvidas no curso de Museologia da UFRGS, a exposição curricular “transforma os alunos em curadores” pois “[...] todo processo museológico é proposto e decidido em conjunto” a partir “da tomada de decisões dos valores, conceitos, representações e narrativas um ato compartilhado”. Vanessa Aquino e Elias Machado (2022) também realizaram pesquisa sobre as exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS salientaram os desafios curatoriais e de gestão que envolveu a concepção e montagem de exposições no museu universitário.

No curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe, desde 2011, com a aprovação do seu segundo Projeto Pedagógico, por meio da Resolução nº 48/2011/CONEPE o escopo de disciplinas voltadas para o processo de teoria e prática de montagem de exposições, apresenta quatro componentes. Com a reformulação do PPC do curso aprovada com a partir da Resolução nº 17/2020/CONEPE, foi dado um maior ordenamento às disciplinas, por meio da reescrita das ementas, que caracterizou as disciplinas em dois blocos a saber: os componentes de expologia, que analisam a historicidade do processo de comunicação museal e curadoria, seja em ambientes físicos ou virtuais, passando pela compreensão de todos os elementos que fazem parte de se compreender o processo de concepção de uma exposição; os componentes de Expografia, que consistem em compreender gestão de projetos curatoriais, gerenciamento de equipes multidisciplinares e aplicação do projeto, como demonstra o Fluxograma 01.

Fluxograma 01 - Alteração das ementas dos componentes de Exposição.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Para se perceber as mudanças inseridas, para além da alteração da carga horária, faz-se necessário comparar as duas ementas dos PPCs, no qual percebe-se a inserção de temas como Marketing, Marcas (que passa pela Propriedade Intelectual e também Direito do Autor), Identidade Visual dos museus, mídias (envolvendo não apenas o uso de redes sociais, mas recursos que se valem de tecnologias a exemplo de Realidade Aumentada, Realidade Virtual, ferramentas como o Canva, criação e edição de *Podcasts*, programas de gerenciamento de equipes, entre outros). Ao se readequar as ementas, buscou-se inserir conteúdos que possam permitir que os discentes estejam atualizados com as demandas atuais dos ambientes de trabalho, com foco no desenvolvimento de habilidades e competências que estejam alinhadas com o novo cenário, que pede cada vez mais profissionais que saibam usar recursos tecnológicos digitais.

Cabe ressaltar, que a reelaboração das ementas, focou na formação discente para a compreensão tanto da concepção de exposições para ambientes físicos quanto virtuais, uma vez que o processo de desenvolvimento do ambiente web tem ampliado as alternativas e possibilidades de criação visual, que permitem sair de um modelo estático e pouco atrativo, para recursos cada vez mais elaborados e imersivos. Assim, se ao olhar de uma primeira vista parece que há uma valorização da exposição como foco disciplinar, ao se analisar as ementas, percebe-se seu conteúdo amplo e multidisciplinar, que poderia ter motivado o surgimento de mais disciplinas, mas foram condensados na formação teórica, que está aliada com a formação do discente para o novo cenário que se descortina com a pandemia do Covid-19 e a necessidade cada vez maior de se utilizar os espaços da web como canais de comunicação dos museus.

As disciplinas que envolvem a concepção e montagem de exposição curricular pelos discentes estão presentes desde a criação do bacharelado em Museologia da UFS. Devido aos processos de aprimoramento e adequação à realidade local, o curso encontra-se em seu terceiro Projeto Político Pedagógico (PPC), sendo o primeiro instituído no ano de 2007 que apresentava 03 disciplinas com conteúdo voltado para comunicação museológica distribuídas entre o terceiro e o quinto semestre. Com a reformulação concluída em 2011

e implementada no ano seguinte, por meio da Resolução 48/2011/CONEP, as disciplinas de exposição alteraram a designação de Museografia para Expologia e Expografia, compreendendo agora quatro disciplinas que compreendem do quarto ao sétimo período. No atual Projeto Pedagógico do Curso foram mantidas as quatro disciplinas e a mesma nomenclatura devido à importância de tais conteúdos para a formação dos discentes.

Salienta-se que as nomenclaturas Expologia (estudo teórico e conceitual de exposições) e Expografia (estudo prático das exposições) seguem as definições apresentadas por Marília Cury (2005: 27): Expologia como parte da Museologia que se debruça a teoria da exposição, envolvendo “princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição”; Expografia abrangendo “aspectos de planejamento metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma”.

Com a pandemia, as exposições presenciais foram suspensas, assim, passaram para o formato de exposições virtuais, que trouxeram novos desafios para os discentes compreenderem as questões básicas de linguagem de programação para adequação da exposição, uma vez que os discentes, em parte, foram responsáveis pela inserção dos conteúdos nos espaços expositivos, em como questões como direito de imagem, direito do autor, entre outros. Todo esse conteúdo trabalhado em consonância com o Laboratório de Expografia (LabExpo), no suporte às disciplinas, projetos de extensão, pesquisa, eventos e cursos voltados para a comunicação museal e qualificação profissional tanto para o público interno quanto externo à Universidade.

Moraes (2021a, 2021b) descreveu o uso do *Instagram* para a interlocução de duas exposições curriculares no bacharelado de Museologia da UNIRIO durante o período da pandemia de COVID-19. A autora, além das questões específicas que envolveram o planejamento da exposição, discorreu sobre a importância do uso dos recursos tecnológicos como instrumentos voltados à promoção e à inclusão. Destaca-se que o uso de recursos como o *Facebook* e, posteriormente, *Instagram*, sempre foram utilizados pelos discentes, ao realizar uma exposição curricular, prática que entrou em uso e se tornou obrigatória, o gerenciamento de conteúdo para redes sociais e engajamento dos usuários, desde 2013.

## Exposição Virtual X Curadoria Digital

O avanço dos serviços e tecnologias disponíveis para utilização pelo usuário, sobretudo no ambiente web, tem incorporado, de forma sistemática, alguns processos observados nas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e, de forma esporádica, no dia a dia da práxis museal. No ambiente web, com o desenvolvimento de processos cada vez mais imersivos, tem possibilitado a multiplicação de ambientes de informação, a exemplo de sites, plataformas, repositórios online e redes sociais, respeitando as especificidades e os aspectos e os limites comunicacionais de cada uma dessas ferramentas.

No que tange às exposições museais, pensar a sua inserção no ambiente web, para além de questões de conceituação, o estudo sistemático das ferramentas e da abordagem metodológica utilizadas, difere de usuário para usuário, ou seja, cada visitante de museu ao acessar ou buscar uma informação de um museu no ambiente da web, o faz a partir de motivações distintas como lazer, informação, pesquisa, entre outros. Desta forma, o conteúdo apresentado por essas instituições precisa apresentar o mínimo de informações básicas que atenda as especificidades de um público tão diversificado.

Exposições curriculares em ambientes virtuais:  
concepção, comunicação e formação museológica

A inserção do conteúdo comunicacional gerado pelos museus a partir de seus acervos museológicos e, também, arquivísticos, no espaço da internet acompanha o próprio momento de evolução dos recursos que são disponibilizados nesse ambiente, bem como as suas formas de acesso e uso. Antes, se o ambiente das salas de exposição eram o ponto central dos museus, no século XXI as redes sociais, os sites e os repositórios online de acervos ganham destaque e espaço no processo de comunicação e gestão dos acervos museais. Essa passagem do material para o virtual, demanda cada vez mais das instituições uma adequação das suas estruturas e capacitação de seu corpo funcional.

Cabe destacar que uma exposição virtual difere de um *site*, uma rede social ou um repositório *online*, no entanto estes podem apresentar recursos que potencializem o processo comunicacional e agregar, em sua estrutura, exposições a partir de um acervo pré-determinado.

O papel da curadoria em ambientes museais consiste em selecionar aquilo que quer ser lembrado e traçar estratégias de comunicação desse acervo para um público. Cauê Alves (2010) destaca o papel coletivo no processo de execução e concepção das ideias, pois, além da figura do curador, envolve os demais profissionais que darão suporte ao projeto, aos artistas envolvidos ou seus herdeiros, às instituições culturais que receberão essa curadoria e aos patrocinadores.

Quando da passagem dos objetos materiais para objetos digitais, os profissionais da informação passam a ser inseridos nessa equação, no que se refere ao tratamento dos metadados desses objetos para uma rápida recuperação e uso nos ambientes virtuais, sobretudo na *web*. Essa recuperação, passa pela normalização, na instituição museu, dos metadados utilizados, sejam eles administrativos, descritivos, de preservação, técnicos e de uso ou recursos da informação, onde se insere as exposições museológicas (USILLOS, 2010).

As exposições virtuais, assim como suas correlatas físicas, têm por finalidade apresentar de forma visual uma determinada mensagem que a instituição queira passar. Sua diferença passa pelo lugar (ambiente *web*) e tipo de suporte de informação (objeto digital ou virtual).

Com a realização dessa exposição virtual, de natureza digital, pode-se afirmar que o museu virtual, disponibilizado no contexto do ciberespaço, incentiva não somente a experiência estética, como também a construção de conhecimento pelo exercício de seu acervo, no cumprimento de um papel tão importante no que tange à experiência estética e à valorização do patrimônio (HALLAL, GUIMARÃES, FEITOZA, 2021: 12).

A exposição virtual se insere em uma relação dialética que perpassa o acervo (o objeto), a informação (aquilo que é dito) e a experiência estética (como aquilo que é visto). Diferentemente da noção de curadoria digital utilizada pela Ciência da Informação, para a Museologia, a exposição virtual se insere em uma lógica de apresentação do objeto e informações sobre este, semelhantes à utilizada no ambiente físico, mas a partir de uma lógica diferente, o ambiente *web*. O uso de animações, vídeos, *hiperlinks*, bem como recursos como vistas panorâmicas (*street view*), realidade virtual e outros.

Siebra (2019) destaca que ao se tratar os dados de acervos digitais, deve-se ter uma preocupação não apenas com a realização do procedimento de digitalização do objeto, mas também, sua preservação a longo prazo, seu ciclo de vida, a gestão dos metadados e os usos e reusos dados ao objeto digital. Assim, a curadoria digital pode se dar de duas formas: a partir do tratamento que é

dados para o acervo que será exposto, pela única e simples escolha do que será exposto (abordagem que foi utilizada nas exposições curriculares que serão apresentadas) ou pela junção das duas, que permite tanto a fácil recuperação da informação por parte daquilo que está sendo exposto, mas também confere um grau maior de especialidade ao se pensar no layout, usabilidade, acessibilidade e visualidade das exposições no ambiente web.

A noção de curadoria digital trabalhada na Ciência da Informação, e pouco utilizada no âmbito da comunicação museológica, possibilita a compreensão do objeto digital em um ciclo que envolve sua existência a curto e longo prazo, utilizando termos recorrentes dos estudos de museu a exemplo de Documentação (gerenciamento de metadados) - Preservação - Acessibilidade - Comunicação (uso e reuso, no âmbito dos repositórios).

A interdisciplinaridade da CI, seu diálogo com outros campos disciplinares da Ciências Humanas e Sociais aplicada, que utilizem o documento como objeto de estudo, possibilitando a aproximação entre a Ciência da Informação e a Museologia. Jorente *et al.* (2021) destacam o papel da Ciência da Informação ao “refletir, compreender e minimizar problemas no tratamento da informação em diferentes contextos, bem como a sua relação com outros campos de estudo”, permitindo que essa informação possa ser acessada pelo maior número de usuários possíveis.

Ao se trabalhar com o objeto digital para fins curatoriais no ambiente web, estes passam por diferentes processos que garantam o seu uso a curto e longo prazo, como a seleção, gerenciamento, tratamento, armazenamento, preservação e o acesso final por parte do usuário (MADRID, 2013). Assim, para além do “conjunto de ações que se dedicam a criar estratégias e procedimentos para o tratamento e a organização do material digital, visando sua preservação e acesso contínuo” (TRIQUES *et al.*, 2020: 04), ao se pensar na curadoria digital para acervos de museus ou exposições, parte-se para implicações como a esse dado será apresentado para o usuário no espaço web, como serão processadas as coleções e os mecanismos de busca que se farão presentes.

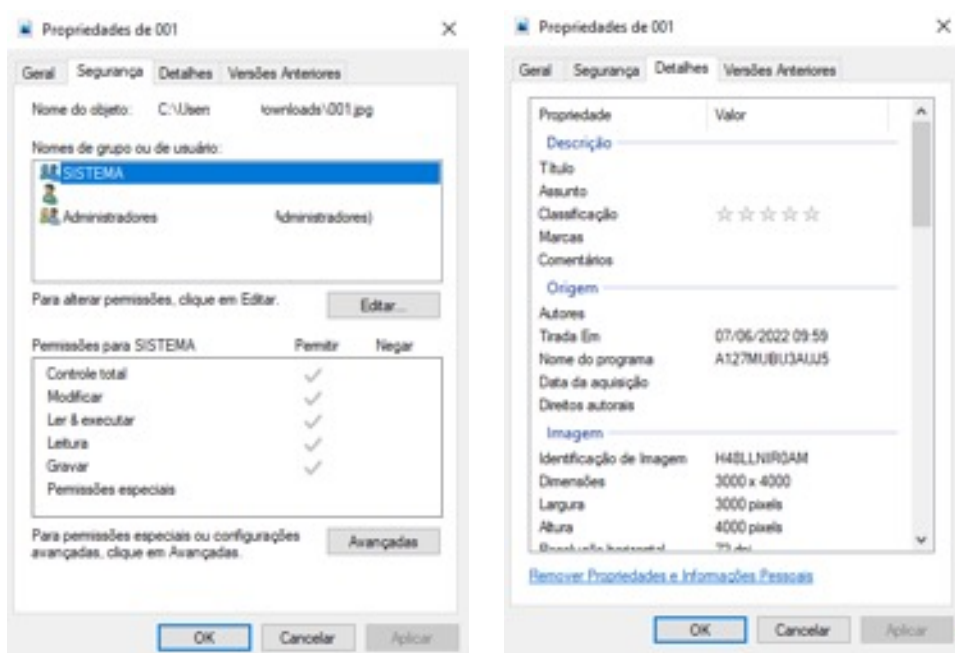
Entre esses tratamentos, parte-se para o objeto que foi virtualizado ou digital, entende-se, aqui, o objeto virtualizado aquele que já nasce ou foi concebido no ambiente digital e o objeto digital como o correlato de um objeto físico anteriormente existente, que passou por processos de digitalização ou escaneamento que permitiram sua reprodução por meio de uma cópia digital.

Ao se trabalhar com o objeto digital ou virtual alguns pontos devem ser levados em consideração: o seu formato (.jpeg, .png, formatos mais utilizados); a tamanho (quanto maior o *pixel*, maior o tamanho da imagem); a resolução (relacionado à densidade da composição da imagem, quanto maior o *dpi* melhor a qualidade do arquivo) bem como o preenchimento de informações que são relevantes para a salvaguarda de dados e metadados do arquivo. Esse procedimento, feito ao se clicar no item “propriedades” do arquivo, permite a sua edição e inserção das informações que devem ser preservadas, como mostram as Figuras 01 e 02.



Exposições curriculares em ambientes virtuais:  
concepção, comunicação e formação museológica

Figuras 01 e 02 - alteração das informações dos arquivos digitais (imagem).



Fonte: LabExpo/UFS, 2022.

No campo *Segurança*, além de identificar os sistemas que tiveram acesso ao arquivo, é possível, ainda criar ou restringir permissões, como impedir que outros alterem o arquivo, leiam, gravem, entre outras funções, antes de subir na internet.

Já o campo *Detalhes* é dividido em vários outros sub-itens, como *Descrição* que permite a inserção de título, o assunto ou do que se trata a imagem, e no campo comentários, adicionar um pequeno texto da imagem, que facilitam a sua localização e recuperação quando utilizados programas de busca por indexadores. Mas será o campo *Origem* que permitirá inserir as informações sobre quem são os autores da imagem e a quem pertence os direitos autorais da imagem e, conseqüentemente, se a instituição museu possui ou não o direito de reprodução das imagens dos objetos que estão sob a sua posse para a divulgação em redes sociais, catálogos, exposições virtuais, entre outras aplicações que impliquem em uma reprodução de um determinado objeto.

Frisa-se a importância de destacar a questão do direito do autor uma vez que nem todo o objeto de museu pode se encontrar em domínio público, bem como nem toda imagem na internet não tem dono. No Brasil, para preservar os direitos do autor, segue-se a Lei nº 9.610/1998, que no artigo 41 deixa claro que “os direitos patrimoniais do autor perduram por 70 (setenta) anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil (BRASIL, 1998, p. 01). Ou seja, somente após o período de 70 anos após a morte do titular do direito moral de uma determinada obra, ela passa a integrar o domínio público.

Quando se parte para as obras anônimas ou obras órfãs, onde a indicação do autor não foi realizada e é desconhecida, a Lei do Direito Autoral brasileira em seu artigo 43 informa que, “Será de setenta anos o prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre as obras anônimas ou pseudônimas, contado de 1º de janeiro do ano imediatamente posterior ao da primeira publicação” (BRASIL, 1998, p. 01), ou seja, diferentemente das obras onde a indicação de

autoria permanecem protegidas por até 70 anos após o falecimento do autor, no caso das obras anônimas esse prazo de 70 ano conta a partir do momento de publicação da obra.

No âmbito do direito autoral destaca-se o direito moral e o direito patrimonial sobre uma determinada obra. O direito moral é irrenunciável e inalienável, uma vez que não pode transferir a autoria de uma obra para terceiros, é um direito pessoal do autor, também conhecido por direito de personalidade ou direitos pessoais, ele se contrapõe ao direito patrimonial, ou seja, aquele que possui o direito de exploração e reprodução da obra, que pode ser o próprio autor, ou pode ser cedido para terceiros, mediante contrato.

## Exposições Curriculares no ambiente web

Quando se parte para pensar as exposições curriculares em ambiente web, uma gama de elementos é discutida e analisada no processo de construção da arquitetura da informação e do layout da página. A escolha do formato em que as informações serão apresentadas, permite que se leve em consideração qual o impacto que se quer criar, bem quais informações que se tornam mais relevantes ou que deverão chamar mais a atenção do usuário ao entrar na interface.

Desta forma, como forma de identificação, o nome da exposição aparece em formato destacado, com fonte em tamanho maior, permitindo-se a compreensão do que se pretende apresentar naquele espaço. Os textos que compõem uma exposição, seja ela física ou virtual, podem ser divididos inicialmente em 04 classificações, como elucida o Quadro 01:

Quadro 01 - Tipos de textos.

Classificação	Tipo	Alinhamento	Função
Apresentação	Títulos	Centralizado à Esquerda	Atrai o visitante e introduz em um novo
	Subtítulos	Centralizado à Esquerda	Traz informações complementares ao título, apresenta letra menos e é mais longo que o título.
Informação	Texto Introdutório	Justificado Centralizado à Esquerda	Texto construído a partir de parágrafos que insere o visitante na temática da exposição para recepcionar o visitante em um novo espaço.
	Grupo de Texto	Justificado Centralizado à Esquerda à direita	Construído a partir de um agrupamento de objetos ou uma temática em comum.
	Material de distribuição	Misto	Apresenta de forma mais extensa uma determinada exposição, museu, pode ser constituído a partir de folders, catálogos, outros.
Identificação	Legendas/Etiquetas	Justificado Centralizado à Esquerda	Identificação individual ou coletiva de determinados objetos, com suas informações básicas

Fonte: Elaborado a partir de (FERNÁNDEZ, FERNÁNDEZ, 2017).

Acessibilidade	Bílingue		Apresenta a informação em outros idiomas para além dos nativos do país de origem da exposição, no caso das exposições no ambiente web, o recurso de tradução automática pelo Google facilita a conversão da informação sem a necessidade de se contratar um tradutor.
	Libras	Não se aplica.	Apresenta as informações em formato gestual-visual para comunicação com surdos.

Quanto ao alinhamento do texto Lupton (2020) apresenta quatro tipos e suas principais características, que servem para destacar, diferenciar ou causar estranhamento ao leitor. A escolha do melhor alinhamento deve levar em consideração, também, o tipo de fonte utilizada, a mensagem que se quer passar e o espaço disponível para a apresentação da informação, como destaca o Quadro 02:

Quadro 02 - Tipos de textos.

Alinhamento	Características
Centralizado	Simétrico, formal e clássico, comumente utilizados em convites, títulos ou textos de abertura. Para Lupton (2020, p. 112) “Deve ser sempre dividido em frases longas e curtas, com cumprimentos variados.”
Justificado	Ao alinhar as bordas, sugere-se o uso de hífen para a quebra de palavras longas para um melhor alinhamento do texto, diminuindo o efeito de “buraco” no texto (espaçamentos distintos entre as palavras). Deve-se evitar colunas de textos estreitos pois acabam evidenciando as falhas no espaçamento.
À esquerda	Evita um espaçamento desigual e proporciona uma visualização mais orgânica e aleatória, sem o uso excessivo de hífen, para construir um texto. Assim, “Uma franja ruim cria formas estranhas ao longo da borda direita, em vez de parecer aleatória.” (LUPTON, 2020, p. 113).
À direita	A utilização desse tipo de alinhamento permite a quebra com o usual, por apresentar uma justificativa pouco utilizada. Por ser incomum, pode incomodar alguns leitores, então melhor aplicado em textos mais curtos ou que se queira evidenciar, como uma citação no início de um texto introdutório. Como desvantagem, Lupton (2020, p. 113) destaca que, “Muita pontuação (nas extremidades das linhas), podem atacar, ameaçar, e também enfraquecer a borda direita alinhada.”
Misto	Apresenta dois ou mais tipos de alinhamento em uma determinada sentença ou texto.

Fonte: Elaborado a partir de (LUPTON, 2020).

No que se refere ao esquema de cores, a escolha de cores que proporcionem um bom contraste e permitam uma boa legibilidade dos textos, facilita a permanência do visitante na exposição virtual e o conforto visual na hora, sobretudo, da leitura de textos. A escolha do padrão de cores passa por aquelas que foram definidas para a apresentação da exposição, por meio de suas marcas, cartazes, entre outros, que buscam dialogar com o tema da exposição, “os olhos não se concentram em vermelho/azul ou vermelho/verde, quando essas encostam uma na outra. Quando usadas em conjunto elas vibram, criando um ruído. Por isso deve-se evitar essas combinações.” (IBRAM, 2017, p. 62).

## Considerações finais

O processo de concepção e montagens de exposições, sobretudo no ambiente *web* democratizam a cultura e permite um alcance maior de pessoas a partir da ação desenvolvida, independente de onde esteja, podendo usufruir do conteúdo desenvolvido. No entanto, seu processo também cobra um maior grau de especialização do profissional de museu para entender sua linguagem, possibilidades e limitações, bem como o trabalho de forma interdisciplinar com outros profissionais, sobretudo, os do campo da Tecnologia da Informação.

As adequações necessárias da passagem da exposição física, para a exposição virtual, bem como no tratamento da informação do objeto digital e virtual, que passam pelo gerenciamento de dados e metadados, bem como a legislação vigente em Direito do Autor, que abarcam os limites da reprodução de obras que ainda estão protegidas e não caíram no domínio público.

Para além, perceber que o engajamento realizado no âmbito da *internet*, seja por meio das exposições, ou outras formas de comunicação, a exemplo de redes sociais (*Instagram, Facebook, Twitter, Youtube, Spotify*) pedem uma compreensão que passa pela elaboração de conteúdos de audiovisual (a exemplo de *banners, podcasts* e vídeos) necessários para o engajamento do público que utilizam essas redes.

O desenvolvimento de habilidades e competências para o ambiente *web* passam a ser essenciais para os futuros profissionais de museu, para o gerenciamento da informação veiculada em canais de comunicação da instituição, aproximando-se de um público diversificado, seja por seus interesses, idade, classe social e formação educacional.

Desta forma, não apenas os discentes, mas também os professores das disciplinas de exposição precisam estar cada vez mais capacitados para acompanhar as novas demandas que são impostas e os recursos que são disponibilizados para formar profissionais que possam se inserir no mercado de trabalho, mas também, que tenham um conhecimento em tecnologias digitais em uma sociedade em que esta habilidade tem sido cada vez mais cobrada.

## Referências

ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. RAMOS, Alexandre Dias (org). *Sobre o ofício do curador*. Porto Alegre: Zouk, 2010, p. 43-58.

AQUINO, Vanessa Barrozo Teixeira; MACHADO, Elias Palminor. Experiências curatoriais compartilhadas: as exposições curriculares do curso de Museologia no museu da UFRGS. In: NASCIMENTO, Ana Luisa de Mello [et.al]. *Patrimônio museológico brasileiro: experiências e olhares diversos*. Curitiba: Ed. URPR, 2022.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à técnica de museus*. vol. I. 2ª ed. Rio de Janeiro/Ministério da Educação e Saúde, 1951.

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm) Acesso em: 15 out. 2022.

CARREÑO, Francisco Javier Zubiaur. *Curso de Museología*. Gijón: TREA Ediciones, 2004.

Exposições curriculares em ambientes virtuais:  
concepção, comunicação e formação museológica

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, André. MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Tradução Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: ICOM, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

ENNES, Elisa. *Espaço construído: o Museu e suas exposições*. 2008. 195f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – PPG-PMUS UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008.

FERNÁNDEZ, Luis Alonso; FERNÁNDEZ, Isabel García. *Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje*. Madrid: Alianza Editorial, 2017.

HALLAL, D. R.; GUIMARÃES, V. L.; DE ALENCAR FEITOZA, I. A. . Exposição Virtual: processo de concepção, planejamento e execução da exposição “Percurso da História do Turismo no Brasil”. *Turismo, Sociedade & Território*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e27022, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/revtursoter/article/view/27022>. Acesso em: 31 out. 2022.

IBRAM. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição*. / pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Caminhos-da-Mem%C3%B3ria-Para-fazer-uma-exposi%C3%A7%C3%A3o1.pdf> Acesso em: 10 set. 2022.

JORENTE, M. .; LANDIM, L.; APOCALYPSE, S. Convergências entre a Curadoria Digital e o Design da Informação no contexto pós custodial da Ciência da Informação. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 26, p. 01-19, 2021. DOI: 10.5007/1518-2924.2021.e78692. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/78692> Acesso em: 22 ago. 2022.

LUPTON, Ellen. *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. Tradução de Priscila Farias. Osasco: Gustavo Gili, 2020.

MADRID, Melody M. A study of digital curator competences: A survey of experts. *International Information & Library Review*, 2013, 45:3-4, 149-156, DOI: 10.1080/10572317.2013.10766382 Acesso em: 15 ago. 2022.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Desafios e possibilidades do campo digital para os museus e a formação em Museologia: o uso do instagram pelas exposições curriculares dos cursos de Museologia da UNIRIO no contexto da pandemia de COVID-19. In: *Anais do XXI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, 2021a.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Museus, formação em Museologia e campo digital: os usos do Instagram pelas exposições curriculares dos cursos de Museologia da UNIRIO no contexto da pandemia de COVID-19. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v.14, p.1-21, 2021b.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. Exposição curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a comunicação museológica frente aos desafios e potencialidades da cultura digital no ensino de Museologia. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 10, Especial, p.295-316, 2020.

RUSILLO, Santos M. Mateos. *Manual de comunicación para museos y atractivos patrimoniales*. Gijón: TREA Ediciones, 2012.

SÁ, Ivan Coelho de. História e Memória do curso de Museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 39, p.10-48. 2007.

SCHEINER, T. C. M.; FLOREZ, L. M. S. O exercício de expor nos museus, uma constante prática da experimentação. , . Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/183082>. Acesso em: 31 out. 2022.

SIEBRA, S. de A. Curadoria Digital: uma área em expansão. *Archeion Online*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. p.1-6, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2318-6186.2019v6n2.47089. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/archeion/article/view/47089> Acesso em: 22 set. 2022.

SOUZA, Aline Escandil de. *Educação & Exposição: a dimensão educativa das exposições curriculares do curso de Museologia da UFRGS (2011-2015)*. Monografia (Bacharelado em Museologia) - Faculdade de Biblioteconomia e Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

TRIQUES, M. L.; ARAKAKI, A. C. S.; CASTRO, F. F. de. Aspectos da representação da informação na curadoria digital. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, [S. l.], v. 25, p. 01-21, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e69898. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e69898> Acesso em: 20 set. 2022.

UFS. Resolução 48/2011/CONEPE. 2011. Disponível em: [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/2384/Resolu\\_o\\_CONEPE\\_2011-048\\_-\\_PPC\\_Museologia.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/2384/Resolu_o_CONEPE_2011-048_-_PPC_Museologia.pdf) Acesso em: 14 nov. 2021.

UFS. Resolução 17/2020/CONEPE. 2020. Disponível em: [https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/noticias\\_desc.jsf?lc=pt\\_BR&id=320193&noticia=438557430](https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/curso/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=320193&noticia=438557430) Acesso em: 14 nov. 2021.

USILLOS, Andrés Gutiérrez. *Museología y documentación: criterios para la definición de un proyecto de documentación en museos*. Gijón: TREA Ediciones, 2010.

UZEDA, Helena. As exposições curriculares como parte do ensino da Museologia: adaptação de modelos europeus e as práticas acadêmicas experimentais na UNIRIO. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, Especial, p. 161-179).

Recebido em outubro de 2022.  
Aprovado em fevereiro de 2023.